

THE SEVEN YEAR ITCH / 1955

(*O Pecado Mora ao Lado*)

um filme de **Billy Wilder**

Realização: Billy Wilder / **Argumento:** Billy Wilder e George Axelrod, baseado na peça homónima de George Axelrod / **Fotografia:** Milton Krasner / **Direcção Artística:** Walter M. Scott e Stuart A. Reiss / **Música:** Alfred Newman / **Interpretação:** Marilyn Monroe (a rapariga), Tom Ewell (Richard Sherman), Evelyn Keyes (Helen Sherman), Sonny Tufts (Tom Mackensie), Roberts Strauss (Kruhulik), Oscar Homolka (o psiquiatra), Marguerite Chapman (a secretária), Victor Moore (o canalizador), etc.

Produção: Charles K. Feldman e Billy Wilder para a 20th Century Fox / **Cópia:** dcp, cores, com legendas eletrónicas em português, 105 minutos / **Estreia Mundial:** Hollywood, a 1 de Junho de 1955 / **Estreado em Portugal:** Cinema Tivoli, a 6 de Fevereiro de 1956 / **Reposições comerciais nas décadas de 60 e 70.**

Uma clássica rasteira de adivinhas cinéfilas é perguntar o nome da personagem interpretada por Marilyn Monroe em **The Seven Year Itch**. Efectivamente, não tem nome e efectivamente essa elipse não é óbvia. Quando ela se encontra no filme com Richard Sherman (Tom Ewell) este, de tão atrapalhado, jamais pergunta como se chama a vizinha de cima. E no único momento em que Richard tem que lhe dar um nome (quando quer impedir o cunhado de entrar na casa de banho, onde ela está) titubeia tanto que este, já irritado, lhe responde que, com tantos mistérios, a rapariga escondida deve ser Marilyn Monroe. E é. Se aquela personagem tem nome é mesmo - e só pode ser - o nome de Marilyn.

Nesta astúcia do argumento resume-se o apogeu de um mito. Uma tal aparição só pode ser Marilyn e é mesmo. Como a história daquele polícia que mandou parar um condutor a 200 à hora e lhe pergunta indignado: "*Quem é que você julga que é? O Fangio?*". E era...

São os supremos momentos em que o mito faz vacilar a realidade e em que, de facto, os objectos dessa mitificação surgem como criaturas do impossível, lendas, a infinita distância da nossa condição de mortais.

The Seven Year Itch é o filme construído em torno dessa suprema mitificação de Marilyn (só me falta que me venhas dizer que tens a Marilyn em casa), no auge da sua carreira e do seu estatuto de "Star".

Por mais extraordinária que tivesse sido antes Marilyn (e basta pensar no **Gentlemen Prefer Blondes** para pensar que foi) é aqui, na obra que vamos ver, graças a Wilder e a Axelrod, que o mito se fixou, "*tel qu'en lui même l'éternité le change*". Aqui e a partir daqui, nos sete anos que lhe restavam para viver, Marilyn foi plenamente Marilyn, o sexo culpado no sexo inocente, e o muito mais que sobre ela tantas vezes se tem dito.

Que o "símbolo do sexo" se transformasse na própria inocência perversa, como se não desse pelo que era e por quem era, foi a portentosa ideia de Wilder (e Axelrod) que subitamente põe tudo e todos de cabeça à roda. Marilyn dissocia a ideia de pecado da ideia do sexo (ao contrário do seu vizinho) e transforma tudo pela varinha mágica da sua inocência, sempre incrível e sempre crível. Está no limite de todas as situações, como os seus célebres planos o demonstram, sabendo e não sabendo do seu poder erótico, usando-o e não o usando, e transformando a imaginação mais delirante (a de Ewell) num imaginário que em muito a ultrapassa. Como Wilder disse: "*faz viver uma cena pelo simples facto da sua presença (...) Nas cenas de **Seven Year Itch** em que está no quarto de Ewell praticamente nem precisa de representar: é já e à partida, a mulher mais excitante do mundo, a que faz melhor amor (não sei se é verdade ou não, mas toda a gente o pensa) e toda a sua pessoa faz a cena existir. Há coisas muito especiais que só Marilyn pode fazer.*"

E são, quase ao acaso, a conversa sobre o dedo do pé enfiado no ralo da banheira (*"e eu envergonhadíssima porque nem tinha pintado as unhas dos pés"*), a sequência dos "martelinhos", a recusa perante o "ataque" de Ewell, os vestidos que lhe pede que ate e desate, as propostas para vir dormir para o andar de baixo por causa do ar condicionado, etc. etc. etc.. Mas é também (reverso do mesmo verso) os sapatos atirados a Ewell no fim, quando o protagonista foge espavorido depois dos beijos de Marilyn e de ela lhe ter explicado que é de homens assim que gosta.

Homens assim. A outra ideia genial de Wilder e Axelrod (porventura inspirada nos "homens" de Marilyn no **Gentlemen Prefer Blondes** de Hawks) é fazer coexistir Marilyn com aquela fabulosa personagem, o obcecado sexual com a própria obsessão sexual. A partir daí tudo pode acontecer e acontece.

Esta fabulosa comédia vive num triplo registo: as "imaginações" de Ewell, a sua realidade condicionada por elas e o real imaginário de Marilyn, de que nunca sabemos ao certo se parte dumas ou doutra. Ou seja, Marilyn bem pode ser mais uma invenção de Ewell (esse homem com excesso de imaginação) e bem pode ser resultante desse imaginário. Anula a distinção entre os dois planos, que aliás o protagonista nunca faz. Se passamos dum plano a outro, sem transição ou com ela é sempre graças a Marilyn que permite a fabulosa fusão de fabuloso mundo. É a "Little Women" transformada em "The Secret's Life Dormitory", o retrato de Dorian Gray, ou o livro do psiquiatra. Pela varinha dela (a mais mágica de todas) tudo ainda se transforma.

A um homem de meia idade reprimido (e reprimido principalmente pela visão que dele tem a mulher) cai-lhe do céu aos trambolhões (do andar de cima e do vaso que caiu) aquele ser em casa. E tudo o que lhe contou é muito mais do que sonhou com as famintas secretária, enfermeira e amiga da mulher. Não é preciso Rachmanninoff para aquele resultado. Bastam os "martelinhos". - e já está.

A fabulosa sequência imaginária que precede a primeira visita de Marilyn (Ewell de roupão encarnado, lenço de seda, com aquela voz, o 2º concerto, o *"Please do"*) é ultrapassada pela ainda mais fabulosa sequência da visita de Marilyn, em que a "Rachmaninoff girl" se transforma na rapariga do dedo enfiado na garrafa de champanhe e na explicadora de que "com um homem casado as coisas são muito drásticas" e que o cúmulo da felicidade reside nesta situação ("a married man"), no champanhe, no ar condicionado e nas batatas fritas. Para culminar na transformação monstruosa de Ewell, "creature of the black lagoon" (o filme que depois vão ver), Hyde dum Jekyll que só ele a si próprio se atribui. *"That's really gets me and how"*, *"that's really gets us and how"*. E a única coisa que pedimos (com Marilyn) é que aquilo não pare e que haja mais e mais imaginação de Ewell (e não resisto a sublinhar a famosa história da carroça de feno) e mais e mais aparições de Marilyn.

Porque à medida que as coisas avançam com Marilyn (ou não avançam) mais o culpado Ewell (vítima de todos os mecanismos que o convenceram das tais comichões) vai vendo culpas à roda dele. Não só toma como real o que imaginou (a recepção feita ao amigo) como o que vive transforma o seu imaginário. Assume-se como monstro, criatura de vício, luxo e corrupção, denunciado a toda a América pela televisão e pela sua suposta vítima, e assume que tudo e todos à roda dele têm o comportamento que ele desejava ter.

Enfiado nas psicanálises, nas histórias do polegar, nas capas dos livros, nos tabus sucessivos (do tabaco ao álcool, do álcool às mulheres), é Ewell que reflecte a proibição, carregando o imaginário com os desejos que se proíbe (e que jamais passam a acto). Dentro desse mundo (uma casa, um verão, uma cidade de homens) Marilyn é o mais portentoso dos seus fantasmas, porque é o mais e o menos pecaminoso. É a imagem da própria repressão e a imagem da própria divisão. Transformando tudo em uno - no plano do imaginário que é o único a permitir-nos rir tanto desta triste história, padrão de todos os nossos "interditos" e de todas as nossas "clandestinidades".

Poucos filmes terão sido tão perversos dessa deterioração duma moral no reverso dela. Nas fronteiras entre a passagem duma moral a outra, dum código a outro e duma repressão a uma permissividade. O sonho colectivo é vivido por intercessão de Marilyn. A junção de todo o possível com todo o impossível. O que nos faz parar de rir com esta comédia que nada deixa de pé e tudo convertendo tudo subverte. Ou, mais uma vez, Marilyn Monroe.

JOÃO BÉNARD DA COSTA